

DOMINGO XXXIII DO TEMPO COMUM

CIC 162-165: a perseverança na fé; a fé, início da vida eterna

- 162** A fé é um dom gratuito de Deus ao homem. Mas nós podemos perder este dom inestimável. Paulo adverte Timóteo a respeito dessa possibilidade: «Combate o bom combate, guardando a fé e a boa consciência; por se afastarem desse princípio é que muitos naufragaram na fé» (1 *Tm* 1, 18-19). Para viver, crescer e perseverar até ao fim na fé, temos de alimentar com a Palavra de Deus; temos de pedir ao Senhor que no-la aumente¹; ela deve «agir pela caridade» (Gl 5, 6)², ser sustentada pela esperança³ e permanecer enraizada na fé da Igreja.
- 163** A fé faz que saboreemos, como que de antemão, a alegria e a luz da visão beatífica, termo da nossa caminhada nesta Terra. Então veremos Deus «face a face» (1 *Cor* 13, 12), «tal como Ele é» (1 *Jo* 3, 2). A fé, portanto, é já o princípio da vida eterna:
«Enquanto, desde já, contemplamos os benefícios da fé, como reflexo num espelho, é como se possuíssemos já as maravilhas que a nossa fé nos garante haveremos de gozar um dia»⁴.
- 164** Por enquanto, porém, «caminhamos pela fé e não vemos claramente» (2 *Cor* 5, 7), e conhecemos Deus «como num espelho, de maneira confusa, [...] imperfeita» (1 *Cor*, 13, 12). Luminosa por parte d'Aquele em quem ela crê, a fé é muitas vezes vivida na obscuridade, e pode ser posta à prova. O mundo em que vivemos parece muitas vezes bem afastado daquilo que a fé nos diz: as experiências do mal e do sofrimento, das injustiças e da morte parecem contradizer a Boa-Nova, podem abalar a fé e tornarem-se, em relação a ela, uma tentação.
- 165** É então que nos devemos voltar para as *testemunhas da fé*: Abraão, que acreditou, «esperando contra toda a esperança» (Rm 4, 18); a Virgem Maria que, na «peregrinação da fé»⁵, foi até à «noite da fé»⁶, comungando no sofrimento do seu Filho e na noite do seu sepulcro⁷; e tantas outras testemunhas da fé: «envoltos em tamanha nuvem de testemunhas, devemos desembaraçar-nos de todo o fardo e do pecado que nos cerca, e correr com constância o risco que nos é proposto, fixando os olhos no guia da nossa fé, o qual a leva à perfeição» (Heb 12, 1-2).

¹ Cf. *Mc* 9, 24; *Lc* 17, 5; 22, 32.

² Cf. *Tg* 2, 14-26.

³ Cf. *Rm* 15, 13.

⁴ SÃO BASÍLIO MAGNO, *Liber de Spiritu Sancto*, 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132); cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae* II-II, q. 4, a. 1, c: Ed. Leon. 8, 44.

⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 58: AAS 57 (1965) 61.

⁶ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Mater*, 17: AAS 79 (1987) 381.

⁷ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Mater*, 18: AAS 79 (1987) 382-383..

CIC 675-677: a última prova da Igreja

- 675** Antes da vinda de Cristo, a Igreja deverá passar por uma prova final, que abalará a fé de numerosos crentes⁸. A perseguição, que acompanha a sua peregrinação na Terra⁹, porá a descoberto o «mistério da iniquidade», sob a forma duma impostura religiosa, que trará aos homens uma solução aparente para os seus problemas, à custa da apostasia da verdade. A suprema impostura religiosa é a do Anticristo, isto é, dum pseudo-messianismo em que o homem se glorifica a si mesmo, substituindo-se a Deus e ao Messias Encarnado¹⁰.
- 676** Esta impostura anticristica já se esboça no mundo, sempre que se pretende realizar na história a esperança messiânica, que não pode consumir-se senão para além dela, através do juízo escatológico. A Igreja rejeitou esta falsificação do Reino futuro, mesmo na sua forma mitigada, sob o nome de milenarismo¹¹, e principalmente sob a forma política dum messianismo secularizado, «intrinsecamente perverso»¹².
- 677** A Igreja não entrará na glória do Reino senão através dessa última Páscoa, em que seguirá o Senhor na sua morte e ressurreição¹³. O Reino não se consumará, pois, por um triunfo histórico da Igreja¹⁴ segundo um progresso ascendente, mas por uma vitória de Deus sobre o último desencadear do mal¹⁵, que fará descer do céu a sua Esposa¹⁶. O triunfo de Deus sobre a revolta do mal tomará a forma de Juízo final¹⁷, após o último abalo cósmico deste mundo passageiro¹⁸.

CIC 307, 531, 2427-2429: o trabalho humano redentor

- 307** Aos homens, Deus concede mesmo poderem participar livremente na sua Providência, confiando-lhes a responsabilidade de «submeter» a terra e dominá-la¹⁹. Assim lhes concede que sejam causas inteligentes e livres, para completar a obra da criação, aperfeiçoar a sua harmonia, para o seu bem e o dos seus semelhantes. Cooperadores muitas vezes inconscientes da vontade divina, os homens podem entrar deliberadamente no plano divino, pelos seus actos e as suas orações, como também pelos seus sofrimentos²⁰. Tornam-se, então, plenamente «colaboradores de Deus» (1 Cor 3, 9)²¹ e do seu Reino²².

⁸ Cf. Lc 18, 8; Mt 24, 12.

⁹ Cf. Lc 21, 12; Jo 15, 19-20.

¹⁰ Cf. 2 Ts 2, 4-12; 1 Ts 5, 2-3; 2 Jo 7; 1 Jo 2, 18.22.

¹¹ Cf. SANTO OFÍCIO, *Decretum de millenarismo* (19 de Julho de 1944): DS 3839.

¹² Cf. Pio XI, Enc. *Divini Redemptoris* (19 de Março de 1937): AAS 29 (1937) 65-106, condenando o «falso misticismo» desta «simulação da redenção dos humildes» (p. 69); II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 20-21: AAS 58 (1966) 1040-1042.

¹³ Cf. Ap 19, 1-9.

¹⁴ Cf. Ap 13, 8.

¹⁵ Cf. Ap 20, 7-10.

¹⁶ Cf. Ap 21, 2-4.

¹⁷ Cf. Ap 20, 12.

¹⁸ Cf. 2 Pe 3, 12-13.

¹⁹ Cf. Gn 1, 26-28.

²⁰ Cf. Cl 1, 24.

²¹ Cf. 1 Ts 3, 2.

²² Cf. Cl 4, 11.

531 Durante a maior parte da sua vida, Jesus partilhou a condição da imensa maioria dos homens: uma vida quotidiana sem grandeza aparente, vida de trabalho manual, vida religiosa judaica sujeita à Lei de Deus²³, vida na comunidade. De todo este período, é-nos revelado que Jesus era «submisso» a seus pais²⁴ e que «ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52).

2427 O *trabalho humano* procede imediatamente das pessoas criadas à imagem de Deus e chamadas a prolongar, umas com as outras, a obra da criação, dominando a terra²⁵. Portanto, o trabalho é um dever: «Se algum de vós não quer trabalhar, também não coma» (2 Ts 3, 10)²⁶. O trabalho honra os dons do Criador e os talentos recebidos. Também pode ser redentor: suportando o que o trabalho tem de penoso²⁷ em união com Jesus, o artesão de Nazaré e crucificado do Calvário, o homem colabora, de certo modo, com o Filho de Deus na sua obra redentora. Mostra-se discípulo de Cristo, levando a cruz de cada dia na actividade que foi chamado a exercer²⁸. O trabalho pode ser um meio de santificação e uma animação das realidades terrenas no Espírito de Cristo.

2428 No trabalho, a pessoa exerce e cumpre uma parte das capacidades inscritas na sua natureza. O valor primordial do trabalho pertence ao próprio homem, seu autor e destinatário. O trabalho é para o homem e não o homem para o trabalho²⁹.

Cada um deve poder tirar do trabalho os meios de subsistência, para si e para os seus, e a possibilidade de servir a comunidade humana.

2429 Cada um tem o *direito de iniciativa económica* e usará legitimamente os seus talentos, a fim de contribuir para uma abundância proveitosa a todos e recolher os justos frutos dos seus esforços. Mas terá o cuidado de se conformar com as regulamentações, impostas pelas legítimas autoridades em vista do bem comum³⁰.

CIC 673, 1001, 2730: o último dia

673 A partir da ascensão, a vinda de Cristo na glória está iminente³¹, mesmo que não nos «pertença saber os tempos ou os momentos que o Pai determinou com a sua autoridade» (Act 1, 7)³². Este advento escatológico pode realizar-se

²³ Cf. Gl 4, 4.

²⁴ Cf. Lc 2, 51.

²⁵ Cf. Gn 1, 28; II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 34: AAS 58 (1966) 1052-1053; JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 31: AAS 83 (1991) 831-832.

²⁶ Cf. I Ts 4, 11.

²⁷ Cf. Gn 3, 14-19.

²⁸ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Laborem exercens*, 27: AAS 73 (1981) 644-647.

²⁹ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Laborem exercens*, 6: AAS 73 (1981) 589-592.

³⁰ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 32: AAS 83 (1991) 832-833; *Ibid.* 34: AAS 83 (1991) 835-836.

³¹ Cf. Ap 22, 20.

³² Cf. Mc 13, 32.

a qualquer momento³³, ainda que esteja «retido», ele e a provação final que o há-de preceder³⁴.

1001 *Quando?* Definitivamente «no último dia» (Jo 6, 39-40.44.54; 11, 24), «no fim do mundo»³⁵. Com efeito, a ressurreição dos mortos está intimamente associada à Parusia de Cristo:

«Ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, o próprio Senhor descerá do céu e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro» (1 Ts 4, 16).

2730 Positivamente, o combate contra o nosso eu, possessivo e dominador, consiste na *vigilância*, a sobriedade do coração. Quando Jesus insiste na vigilância, esta refere-se sempre a Ele, à sua vinda, no último dia e em cada dia: «hoje». O Esposo chega a meio da noite. A luz que não se deve extinguir é a da fé: «Diz-me o coração: “Procura a sua face”» (Sl 27, 8).

³³ Cf. Mt 24, 44; 1 Ts 5, 2.

³⁴ Cf. 2 Ts 2, 3-12.

³⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 48: AAS 57 (1965) 54.